



O antigo futebolista defendeu a importância de mudar a perceção sobre a cor da pele

“Construiu-se a ideia que ser branco é a norma”, diz Lilian Thuram

Em França as pessoas sentem-se agredidas quando se chama a atenção para o facto de serem brancas, diz Lilian Thuram. Para o antigo jogador de futebol francês, falta às pessoas brancas a consciência de que isso faz parte da sua identidade. “Construiu-se a ideia que ser branco é a norma”, sublinha. Desta forma, surgem em oposição os outros, ou seja, os não brancos, preconceito pre-

sente na expressão “pessoas de cor”.

O futebolista que foi campeão mundial em 1998 esteve ontem no auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra para falar sobre “Educação contra o racismo”, um tema a que se tem dedicado principalmente depois

de se reformar.

Segundo o atleta, é preciso melhorar a perceção que se tem sobre a cor da pele e o que isso implica, mas também os conhecimentos adquiridos.

Conhecer a história

“As pessoas inicialmente não percebiam porque é que tínhamos de voltar à história”, conta. No entanto, ficam chocadas quando Thuram afirma que França foi um Estado racista, segundo o futebolista, porque não conhecem o código que regia a vida dos negros nas colónias francesas, entre outros factos históricos.

Thuram realiza sessões nas escolas para crianças sobre a temática do racismo. Pede aos professores que trabalhem o tema com o seu livro ou com filmes antes da sua conversa e, quando vai às escolas, apresentam-lhe muitas perguntas. Destaca que é

comum as crianças estejam convencidas que os racistas são pessoas extremamente más, pelo que não são eles. Ajudar as crianças a evitar o preconceito em vez de manter essa dicotomia é importante, sublinha, mas reconhece que é um tema difícil de abordar com os mais novos.

Livro inspira

O seu livro “Mes étoiles noires” (“Minhas estrelas negras”) acabou por o levar pelo mundo e, em muitos países de África, crianças disseram-lhe “que este livro mudou a sua vida”.

Lilian Thuram admite que gostaria de ter tido esse livro quando andava na escola porque teria acelerado a sua consciencialização sobre as questões da cor da pele.

Por outro lado, “há pessoas que acham que o racismo é um sentimento pessoal, mas é preciso explicar que é um sistema político

e de pensamento” e que o problema é de quem discrimina e não de quem é discriminado, que não é a vítima de racismo que tem de arranjar uma solução.

Neste sentido, defende que, no caso do futebol, é preciso responsabilizar quem tem atitudes racistas. Acredita que o problema resolve-se se os treinadores importantes decidirem tirar do campo os jogadores brancos quando eles agredem jogadores negros.

O futebolista nascido em Guadalupe (colónia francesa) vestiu a camisola da seleção francesa de futebol, com a qual venceu o Mundial de 1998 e o Europeu de 2000. Jogou ainda em clubes em França Itália e Espanha.

Ainda assim, “há pessoas em França que dizem que eu não sou francês, apesar de eu ter ganho o campeonato do mundo”, lamenta.

| Maria Inês Morgado

O antigo jogador de futebol francês que agora se dedica à educação contra o racismo esteve ontem no auditório da Reitoria para falar sobre esta temática.